



GT 74. Religiões de matriz africana e seus modos de convivência: caboclos, orixás e outras entidades

Coordenador(es):

Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Tempos, Histórias e Registros

Debatedor/a: Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 2 - Vínculos e obrigações

Debatedor/a: Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 3 - Modos de Convivência

Debatedor/a: Luciana Duccini (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

A proposta deste Grupo de Trabalho é investigar os modos de se relacionar com e entre as entidades presentes nas diversas modalidades de religiões de matriz africana, tanto no Brasil quanto em outros países da diáspora africana. Assim, pretende dar ênfase não somente às análises das manifestações religiosas em si, mas aos estudos voltados para as formas como vínculos são aí construídos e mantidos. Tendo como questão chave o debate em torno das dimensões ético-políticas das formas de convivência cultivadas nessas religiões, o GT está aberto para trabalhos que tratem dos procedimentos e conceitos que participam dos processos de construção de vínculos, que discutam as diferentes temporalidades e espacialidades em jogo nesses processos e/ou explorem como os vínculos com as entidades são mobilizados e testados em situações de encontro com outras formas de prática.

MÃE XAGUI ? uma encruzilhada de nações

Autoria: Ricardo Pereira Aragão (FAT - Faculdade Anísio Teixeira de Feira de Santana)

O presente work tem como objetivo investigar, a partir da biografia religiosa de Carmelita Luciana Pinto, Mãe Xagui, o processo de formação de uma mãe de santo no candomblé de matriz bantu (candomblé Angola) ao longo dos seus 80 anos de iniciação, bem como as redes de relações estabelecida por ela no processo de produção do seu modo de fazer candomblé. Nascida em 17 de março de 1929 e iniciada no Terreiro Tumba Junçara em 1936. Mãe Xagui completa, em 29 de dezembro, 80 anos de iniciação. O Tumba Junçara foi fundado em 1919 em Acupe, na Rua Campo Grande, Santo Amaro da Purificação, Bahia, por dois irmãos-de-esteira cujos nomes eram: Manoel Rodrigues do Nascimento (Kambambe2) e Manoel Ciriaco de Jesus (Ludyamungongo), ambos iniciados em 13 de junho de 1910 por Maria Neném. O Tumba Junçara foi transferido para Pitanga, no mesmo município, e depois para o Beirú, local onde Mãe Xagui fora iniciada. A iniciação de Mãe Xagui, aos 07 anos de idade, pode ser entendida como uma abertura para possibilidades de compreensão diversa do ?padrão ideológico e ritual dos terreiros de candomblé da Bahia? (PARÉS, 2006, P.102) reclamando para si uma ancestralidade mítica relacionada a uma determinada região de origem, não mais dos indivíduos mas das entidades espirituais para os quais o fiel foi iniciado, o modo como o candomblé foi sendo produzido pelos seus adeptos muitas vezes transcendiam a questão da ?pureza ritual?. Minha percepção durante a produção da dissertação de mestrado (ARAGÃO, 2012) é que, embora os discursos presentes sejam de reafirmar a pertença a uma nação de candomblé, as práticas tendem a apontar para uma



dimensão mais complexa na construção do cotidiano religioso, orientado por uma dimensão de cuidado (RABELO, 2014). Desta forma, a biografia de mãe Xagui abre possibilidades de análises e compreensões de um outro mundo presente na formação do Candomblé baiano e da cidade de Salvador, a partir dos percursos religiosos que ligam Mãe Xagui



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: